

humanitas



Vol. LXII
2010

E, nesta busca, em passos e descompassos, através da narrativa memorialista ou da descrição erudita, porque altamente especializada, o Prof. Pina Martins apresenta-nos o universo admirável do livro e da arte de imprimir, desde o seu berço, os incunábulos. E na *negligentia diligens* da sua escrita, atinge os objectivos últimos do *docere, mouere et delectare*, próprios da retórica, de que o livro, na época admirável do século de ouro europeu, é símbolo e instrumento.

Através desta obra, os livros ganham vida, actualizam-se no espaço e no tempo, e apresentam-se a nossos olhos, como apólogos dialogais, em *Hospital das Letras*, que o génio de D. Francisco Manuel de Melo, no século XVII, imortalizou. É que, nesta obra do Prof. José Vitorino de Pina Martins, os livros são tema, são centro de narrativa, mas são sobretudo a voz e o eco da personalidade fascinante do grande professor e humanista que foi. Deste livro se poderá dizer o que o poeta latino Marcial dissera da sua própria obra, há 2000 anos: *hominem pagina nostra sapit*, os meus escritos têm sabor humano (*Epigrammata*, 10. 4. 10).

NAIR CASTRO SOARES

MATIAS, Mariana Montalvão, *Paisagens naturais e paisagens da alma no drama senequiano: Troades e Thyestes*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, série Monografias, 2009, 202 pp. ISBN: 978-989-8281-19-7

O estudo de Mariana Montalvão Matias, oportunamente publicado pelo CECHUC (e que afigura de igual reprodução em formato digital nos *Classica Digitalia*), corresponde à dissertação de Mestrado, apresentada pela autora à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no ano de 2007 e orientada pela Professora Doutora Nair Castro Soares.

Tendo como objectivo principal a análise do «papel da natura na trage-diografia senequiana, abraçando-a como uma componente dramática activa, uma forma poética privilegiada do delineamento preciso e característico de figuras, acções e ambientes» (p.9), M.M. desenvolve o seu plano de estudo em três partes, subdivididas em vários capítulos, precedidas ainda de um ‘Preâmbulo’, ‘Observações preliminares’ e de uma ‘Nota introdutória’; o estudo termina com uma conclusão, que denomina por “Reflexões conclusivas”, e ‘Bibliografia’.

Na primeira parte, intitulada “A natureza como princípio estético-dramático na obra do poeta-filósofo cordubense”, a autora analisa o conceito de *natura*, as suas origens, influências e desenvolvimentos auferidos no quadro do estoicismo, aceitando a lição de Pellicer (29-30), no tocante aos vectores semânticos do conceito, que adopta como orientadores da subsequente análise das peças, e reafirmando, agora no plano da estética e da ética senequiana, a interligação que, por vezes, é mesmo interdependência (como bem realça a autora), entre natureza universal/cosmológica, natureza/ espaço físico e natureza (física e psicológica) dos caracteres.

Na segunda parte (“Séneca e o teatro da frustração da alma humana: entre a força da razão e o poder da paixão”), M.M. estuda a ‘originalidade e especificidade do drama senequiano face às suas fontes’ e na qual analisa quer as fontes literárias, quer as filosóficas do autor, para definir o conceito de ‘tragicidade’ em contraluz relativamente à tradição grega (p. 49 e segs); e, em um segundo momento, em uma exposição articulada com os preceitos da *Stoa*, analisa conceitos determinantes à estética ideológica de Séneca, nomeadamente, os conceitos de *pathos*, *fatum*, *uoluntas*, *hybris*, *sapiens*, morte, razão, paixão e *affectus*, sem deixar de, no sub-capítulo seguinte, analisar também o estilo e peso da retórica na sua produção trágica, que considera não desviante em relação aos princípios do autor, mas como um recurso que permite reflectir «na forma as distorções de conteúdo (...), um hábil recurso pictórico, meio de exteriorização dos complexos caracteres das suas personagens» (p. 63); e, seguindo a lição de Segurado e Campos, conclui que o «estilo nervoso e patético» de Séneca acaba por exemplificar a natureza anti-mimética das suas peças, consideração que estende em uma exposição sobre as diferenças entre a teorização aristotélica e a actualização do trágico em Séneca (p.63 e segs.). O último sub-capítulo, dedica-o M.M. ao desenho das personagens (proffcuo é o confronto com os prólogos de Eurípedes), ao papel do Coro e às técnicas da violência e do horror, subsidiárias da ideologização do confronto estóico-dramático entre *ratio* e *affectus*.

A terceira parte dedica-a M.M. à análise das peças *Troades* e *Thyestes*. No tocante à primeira, depois de argumentar em favor da unidade estrutural da peça, realçando, no entanto, a maior preocupação de Séneca com a «psicologia das personagens» do que com a composição e a intriga, a autora centra-se em Hécuba, personagem cujas enunciações analisa em função da correlação com os *topoi* de um campo natural destruído, campo que lhe permite concluir sobre a existência de uma estreita relação entre natureza e os campos ético e dramático que subjazem à estética senequiana. Esta análise desenvolve-se não

apenas no tocante às personagens, aos seus estados psicológicos e emocionais, mas também a elementos estético-dramáticos que resultam da composição das cenas mais emblemáticas da peça: o quadro que resulta das determinações do espectro de Aquiles e as antíteses da paisagem natural que ilustram a presença e ausência do mesmo; do aparecimento do fantasma de Heitor e do consequente *agon* entre Andrómaca e Ulisses; a morte de Astíanax e de Políxena.

No tocante a *Thyestes*, M.M. inicia o seu estudo realçando os contínuos e sucessivos tratamentos dramáticos da peça e equacionando o problema das fontes. Com base nos mesmos pressupostos de análise utilizados em *Troades*, a autora passa à análise da tragédia começando pelo prólogo, que considera, de acordo com Tarrant, um «microcosmos» da peça, porquanto nele se encerram todos os elementos que se desenvolvem ao longo do drama. E, como bem observa M.M., nesta peça «a natureza (...) desempenha (...) um papel muito característico, procedendo o filósofo-poeta a uma exploração estético-dramática da mesma, que julgamos, sem precedentes», facto que, na sequência da escolha de *Troades*, lhe permite estender a análise, em um sentido que não só ilustra cabalmente os pressupostos do seu estudo, mas que igualmente reforça ideologicamente as considerações que tece relativamente ao papel da natureza na peça anterior. Neste sentido, M.M. procede a uma clara identificação dos *topoi* inerentes às ‘paisagens infernais’/ *locus horrendus*, que interliga com elementos centrais da peça como o poder, os *affectus*, a traição, a hereditariedade (enquanto tópico trágico-natural), a violência interior e exterior, o mundo animal, a natureza física nas suas múltiplas configurações e manifestações, sempre em estrita articulação com o delineamento da intriga, com a composição dos caracteres e com os elementos poéticos utilizados para os transmitir; análise que lhe permite concluir que, em *Thyestes*, «(...) todos os limites da natureza, humanos e divinos, são violados, e o macrocosmos, que corporiza a ordem e a razão que o homem deve seguir na sua conduta (*sequi naturam*), surge como elemento estético-dramático preponderante na denúncia dos comportamentos *contra naturam*, do domínio da paixão sobre a razão.

Neste sentido, do livro de Mariana Matias apenas pode dizer-se que constitui uma obra coesa, articulada e profunda, que, em última análise, confere nova ênfase à presença do tema da natureza, no campo dos estudos senequianos, porquanto demonstra, de forma enriquecedora e inovadora, não só a importância do conceito no pensamento filosófico-dramático senequiano, mas também a vitalidade ética e estética de que aufere na produção do autor.